

Educação como crítica de si: a trajetória de Friedrich Nietzsche

Samuel Mendonça

Coordenador do programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Campinas

RESUMO

Este artigo apresenta a trajetória de Friedrich Nietzsche e coloca em relevo seu sofrimento como marca de uma concepção de educação que diz respeito à crítica de si. A experiência do sofrimento parece indicar a experiência do além do homem (*Übermensch*), da mesma forma que é por meio da vontade de potência (*Der Wille zur Macht*) que as contradições da vida podem ser revaloradas. Então, pensar Nietzsche e a educação reivindica a análise da dimensão individual, dado que este pensador viveu além de seu tempo e, por esta razão, sua concepção de educação é, igualmente, intempestiva. Se é possível empreender a crítica de si como tarefa educacional, talvez possamos argumentar, com Nietzsche, que a vida é vontade de potência e nada além disto.

Palavras-chave: educação; trajetória; crítica.

ABSTRACT

This paper presents Friedrich Nietzsche's biography and highlights his suffering as the foundation of a concept of education which lies on self-criticism. The experience of suffering seems to indicate the experience of the Overman, (*Übermensch*), in the same way that it is by means of the "will to power" that contradictions of life can be revalued. Therefore thinking Nietzsche and education claims the analysis of the individual dimension, once this thinker lived beyond his time and for this reason his conception of education is, equally, untimely. If it is possible to undertake self criticism as an educational task, perhaps we could argue, agreeing with Nietzsche, that life is will to power and nothing else.

KEYWORDS: education; trajectory; criticism.

Introdução

Não é simples sistematizar aspectos de um autor que escreveu sobre muitas perspectivas filosóficas, como é o caso de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e, inclusive, foi e tem sido objeto de interpretações diversas, por vezes contraditórias. Se tomarmos o seu pensamento como base para a reflexão sobre o fenômeno educacional, a perspectiva individual, da educação de si mesmo ou, se se quiser, da educação aristocrática (MENDONÇA, 2010) parece refletir elementos de sua trajetória. De qualquer maneira, esta concepção educacional revela-se intempestiva para o século XIX, da mesma forma que sua trajetória de vida também se mostra fora do tempo. A educação aristocrática, no sentido de busca de sua excelência, diz respeito ao esforço de autossuperação e de autocrítica do humano. Esta é a concepção de educação genuína da vida de Nietzsche.

Tratar de elementos biográficos e históricos de um filósofo que fez um balanço de sua vida pouco antes de ter um colapso¹ parece não configurar uma tarefa complexa. Para tanto, poderíamos tomar o *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é* como referência para este artigo, pensado no contexto do dossiê Nietzsche e Educação. Todavia, essa obra não se refere apenas a uma análise cronológica e descritiva, mas também paradoxal como os demais escritos do filósofo². Faremos a exposição da trajetória biográfica de Nietzsche com o propósito de evidenciar sua intempestividade, da mesma forma que pretendemos explicitar a correlação com sua concepção intempestiva de

¹ Nietzsche escreveu a obra *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é* entre o outono e o inverno de 1888 e teve um colapso em janeiro de 1889.

² A produção de Nietzsche pode ser compreendida em três períodos. O primeiro, “os escritos trágicos”, é marcado pelo tema da tragédia e cultura grega e inicia-se em 1869, quando ele assume atividades docentes na Universidade de Basileia. O segundo período é inaugurado com *Humano Demasiado Humano* e diz respeito a uma “reavaliação da ciência em detrimento da arte e da metafísica”. Já o terceiro período, considerado o mais produtivo do filósofo, inicia com *Aurora* (1881) e *A gaia ciência*. “Mas é sobretudo a partir de *Assim Falou Zaratustra* que a vontade de potência é analisada, dissecada e diagnosticada, reinterpretada e mostrada em plena luz. Assim é retomada a questão da estética, que agora passa a ser considerada na perspectiva das forças e das relações de forças” (ALMEIDA, 2008, p. 121).

educação. Sua biografia tem a marca da busca de si, seja pelo contínuo confronto com as doenças, seja pela crítica à educação de sua época, na Alemanha. Por esta razão, a concepção educacional subjacente a este texto diz respeito à conquista individual ou, em outras palavras, à educação aristocrática.

Assim, em um primeiro momento, temos uma discussão cronológica neste manuscrito, mas não descritiva. Ao perpassar a vida do filósofo, não poderíamos deixar de evidenciar alguns aspectos marcantes de seu pensamento que se relacionam com a autocrítica e a autossuperação, elementos específicos associados ao conceito de aristocracia.

Do ponto de vista formal, este texto está organizado em três momentos. Passa-se a apresentar e a discutir aspectos da intempestividade de Nietzsche para então percorrer elementos de sua biografia com destaque para a tácita concepção de educação, também intempestiva e, ao final, tanto a vontade de potência como o além do homem são apresentados, de forma breve, de modo a fundamentar a concepção educacional de Nietzsche.

1 – O filósofo além de seu tempo

Se a produção intelectual relaciona-se com a vida do autor, então, pelo menos em tese, os escritos de um pensador estão ligados diretamente à vida deste mesmo autor. Mas isto significa que a produção intelectual deve refletir a vivência do autor? Em princípio, parece que a resposta a essa pergunta deveria ser positiva. No caso de Nietzsche, porém, intencionalmente, sua vida se diferencia de seus escritos.

Uma coisa sou eu, outra são meus escritos. Abordarei, antes de falar deles, a questão de serem compreendidos ou *in*-compreendidos. Faço-o com a negligência mais apropriada: pois esse não é ainda o tempo para essa questão. Tampouco é ainda o meu tempo, alguns nascem póstumos. Algum dia serão necessárias instituições onde se viva e se ensine tal como entendo o viver e o ensinar: talvez se criem até cátedras para

interpretação do Zaratustra. Mas seria completa contradição, se já hoje eu esperasse ouvidos e *mãos* para *minhas* verdades: que hoje não me ouçam, que hoje nada saibam receber de mim, é não só compreensível, parece-me até justo [...]. Tomar em mãos um livro meu parece-me uma das mais raras distinções que alguém se pode conceder – suponho mesmo que tire as sandálias ou as botas. (NIETZSCHE, 1995, p. 52).

Observamos a clareza do filósofo ao separar sua vida de seus textos e, além disso, percebemos a consciência de que viveu além de seu tempo. Nesse sentido, antes mesmo de falar dos escritos, tratou da questão da possibilidade ou da não possibilidade de ser compreendido, pois ele faz referência à dificuldade que seus leitores teriam com a sua obra. Tal dificuldade não se dá pelos textos em si mesmos, mas antes pela falta de habilidade na compreensão dos leitores, de modo que a crítica é feita a seus interlocutores de forma semelhante ao que fez Heráclito, no século VI a.C., quando abdicou da vida social para solitariamente construir seu sentido na história por meio da vida aristocrática. (MENDONÇA, 2011).

Heráclito abdicou da vida com seus concidadãos e decidiu se recolher da vida pública. Sua biografia tem a marca da busca de si, a marca da individualidade e da dimensão aristocrática segundo a qual vemos nexos com a biografia de Nietzsche. Disse o Efésio: “Eu me procurei a mim próprio” (*apud.*, BORNHEIM, 1999, p. 42). Este posicionamento de busca de sua dimensão mais sublime, isto é, de seu *daimon*, também explicitada pela expressão “o *ethos* é o *daimon* do homem”, (*apud.*, JAEGER, 1995, p. 225) no sentido de que a ética é o ponto mais sublime que se deve atingir por meio da consciência. Neste sentido, autores intempestivos como Nietzsche parecem saber que sua obra não tenha sido escrita para ser modelo a ser seguido, mas para que se possa, por meio dela, construir sua concepção de mundo e de homem. Sua concepção de educação é igualmente intempestiva; afinal, para além da ausência de proposição de modelo a ser seguido pelo poder público, o filósofo

questionou os limites últimos do que é possível ensinar e dos riscos de um ensino dogmático.

Nietzsche parecia saber que não seria compreendido em sua época. Seus escritos são classificados em duas categorias, a saber: os que foram publicados em vida e os que foram publicados após sua morte. A obra *Vontade de Potência*³ refere-se ao limite de seus textos, pois foi projetada por Nietzsche, em 1886, mas publicada pela irmã, Elizabeth. O fato é que Nietzsche é responsável pelo primeiro grupo de textos, mas não pode ser responsabilizado pelo segundo, pois a publicação em vida significa a intencionalidade de levar ao público os escritos, enquanto os textos não publicados não foram destinados ao público e, portanto, são de responsabilidade de quem os publicou.

Faremos uma breve apresentação de aspectos de sua biografia para destacar a importância deste que é, seguramente, um dos maiores críticos da modernidade. Esta apresentação foi construída a partir das fontes: *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é* e *Nietzsche – the man and his philosophy*.

2 – As aporias da vida de Friedrich Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu no dia 15 de outubro de 1844, em Röcken, na Saxônia. Seus pais eram filhos de pastores luteranos, de modo que a educação do pensador do eterno retorno consolida-se na presença do Deus cristão, o que não deixa de ser curioso se considerarmos a crítica que ele faz ao cristianismo, ou mesmo à moral. Não se pode prescindir da importância da irmã, Elizabeth, que nasceu dois anos depois, para a vida do pensador. Sabemos que ele foi criado com mulheres – mãe, irmã, avó paterna e duas tias – e tal fato pode ter lhe dado elementos para as suas afirmações sobre o feminino (*das Weib*).

Aos sete anos foi iniciado na música, tendo frequentado uma escola preparatória para o ginásio, e aos dez anos entrou para o ginásio de Namburg, onde teve contato com a poesia e apaixonou-se pela música de Haendel. A saúde do pensador era muito frágil, tanto que, aos doze anos, recebeu licença do

³ Utilizamos a tradução para o inglês de Walter Kaufmann (NIETZSCHE, 1968).

ginásio por dores nos olhos e cabeça. Em 1858, entrou para a Escola de Pforta, onde recebeu uma educação clássica rigorosa e de qualidade. No mesmo ano escreveu seu primeiro trabalho, intitulado *Da minha vida*. Dois anos mais tarde estruturou, com o auxílio de dois alunos, uma sociedade musical e literária intitulada *Germânia*, e tomou contato com os textos de Homero, Lívio e Cícero (NIETZSCHE, 1995). Por ocasião de sua saúde frágil e trabalho intenso, já desde muito jovem, é possível argumentar que sua concepção de educação fez respeito à capacidade de autossuperação e de autocrítica.

Em 1861, conheceu a música de Wagner. Envolvido com a poesia, a música e o ensino clássico das letras, teve na arte a base de sua visão de mundo, o que resultou, em 1864, em escritos como: *Sófocles, Édipo Rei e Teógnis*, por exemplo. Em 1865, teve sérios desentendimentos com a mãe e abandonou a teologia, buscando em Leipzig o estudo da filosofia clássica, com Ritschl. Nesse momento, tomou contato com a obra de Schopenhauer, que exerceu grande influência em sua vida. Em 1869, por recomendação de seu mestre Ritschl, foi chamado para a cadeira de filologia clássica da Universidade de Basileia e, no mesmo ano, recebeu o título de doutor, sem tese ou exames, pela Universidade de Leipzig. Sua produção filosófica teve início com a publicação de *O nascimento da tragédia (Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik)*, em 1872, constituído de 27 seções. Em 1874, na segunda edição, esse texto foi publicado com significativas mudanças e, em 1876, foi publicada a terceira edição. Em 1873, o livro *Últimas Meditações (Unzeitgemässe Betrachtungen)* foi publicado com diversos ensaios, a saber: primeiro ensaio – *David Strauss: o confessor e escritor*, com doze seções; segundo ensaio – *Sobre as vantagens e desvantagens do uso da História para a vida (Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben)*, com dez seções; terceiro ensaio – *Schopenhauer como educador (Schopenhauer als Erzieher)*, com oito seções; e quarto ensaio – *Richard Wagner em Bayreuth (Richard Wagner in Bayreuth)*, com onze seções. (HOLLINGDALE, 1999, p. X)

Em 1878, publicou *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres (Menschliches, Allzumenschliches. Ein Buch für freie Geister)*,

obra organizada em nove capítulos e 638 aforismos. Em 1879, publicou a continuidade dessa obra em *Opiniões e sentenças variadas*, com o acréscimo de mais 408 aforismos. Em carta para Wagner, ao enviar-lhe o volume, declarou: “Nele exteriorizei minhas mais íntimas impressões sobre os homens e as coisas, e pela primeira vez tracei os contornos do meu próprio pensamento” (NIETZSCHE, 1995, p. 9). Em 1881, publicou *Aurora. Pensamentos em prejuízo da moralidade (Morgenröte. Gedanken über die moralischen Vorurteile)*, com 575 aforismos. Em 1882, publicou *A Gaia Ciência (Die fröhliche Wissenschaft)*, com 342 aforismos, e apaixonou-se por Lou Salomé, na Itália, que conheceu por intermédio do amigo Paul Rée, com quem formou um laço de amizade muito forte. Nietzsche propôs casamento a Salomé, mas foi recusado. Sua irmã interveio na relação dos três, e os amigos Paulo Reé e Salomé afastaram-se do filósofo. Além desse episódio, houve outros desentendimentos com a mãe e a irmã, que o exauriram física e emocionalmente, deixando-o à beira do suicídio. (NIETZSCHE, 1995, p. 11). As diversas adversidades pessoais apontam para a constante necessidade de autossuperação e autocrítica o que, de certo modo, justifica a concepção educacional individual.

Em 1883, escreveu a primeira parte de *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém (Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen)*, com o prólogo e 22 capítulos. A segunda parte foi escrita no mesmo ano, com mais 22 capítulos. A terceira, em 1884, com 16 capítulos; a quarta e última parte, em 1885, no mesmo ano em que a irmã se casou e foi para o Paraguai com o marido, Bernhard Förster, líder antisemita, para fundar uma colônia ariana. Esse foi o livro mais importante de Nietzsche, conforme ele mesmo declara, em resposta a uma carta de Karl Knortz:

Do meu Zaratustra acredito que seja a obra mais profunda existente em alemão, e a mais perfeita quanto à linguagem. Mas para *sentir o mesmo* serão necessárias gerações inteiras, que primeiro *façam suas* as vivências interiores às quais essa obra deve sua origem. (NIETZSCHE, 1995, p. 132)

Essa recomendação evidencia o caráter experimental da filosofia de Nietzsche, pois, ao destacar “sentir o mesmo” e “façam suas as vivências”, aponta para uma vertente típica que sugere a experimentação ao leitor de seus textos. Não se trata de uma postura somente teórica, no sentido clássico, ou do *theorós*, na acepção de alguém que busca distanciar-se da realidade para poder descrevê-la; o que o filósofo sugere é a “experimentação” de seus escritos por meio da vivência individual. É nesta direção que a concepção educacional de Nietzsche, como temos defendido neste texto, diz respeito às condições da busca da excelência do homem solitário.

Em 1886, publicou *Para Além de Bem e Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro (Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft)*, com nove capítulos e 296 aforismos. Interessante notar que essa obra apresenta-se como complementar a *Humano, Demasiado Humano*, de 1879, não somente pelo fato de que ambas dispõem de nove capítulos, mas principalmente porque os capítulos estão diretamente relacionados.

Nietzsche planejou publicar também a suma filosófica: *Vontade de Potência (Wille zur Macht)*. Em 1887, publicou *A Genealogia da Moral. Uma polêmica (Zur Genealogie der Moral. Eine Streitschrift)*, com três dissertações e prefácio. A saúde do filósofo piorou progressivamente a partir dessa época, a ponto de afirmar:

Minha saúde...: há algum profundo entrave psicológico, cuja sede e origem não sou capaz de apontar... – sem qualquer exagero, faz agora um ano em (sic) que não houve um dia em que eu me sentisse bem disposto e contente de corpo e espírito. Essa permanente depressão (dia e também noite) é pior que as crises violentas e tão dolorosas a que estou sujeito com tamanha frequência. (NIETZSCHE, 1995, p. 12).

Essa passagem evidencia o sofrimento pelo qual o pensador passou, tendo que lidar com crises diversas e conviver com a permanente depressão que o

atormentava. Ele não se restringiu às lamúrias e ranger de dentes; ao contrário, tomou seus problemas de saúde como determinantes para suas reflexões, e seus escritos carregam essa marca. Podemos dizer que esse pensador vivenciou explicitamente sua autossuperação, buscando conhecer-se nos sentimentos mais profundos da desgraça; esse sofrimento revertia-se, conforme o testemunho do próprio Nietzsche,

Em meio ao martírio que traz consigo uma incessante dor de cabeça de três dias, acompanhada de penosa expectoração – possuía eu uma clareza de *dialético par excellence* e pensava inteiramente, com sangue frio, coisas para as quais em condições mais sãs não sou ousado, refinado e *frio* o bastante. (NIETZSCHE, 1995, p. 24).

A concepção de educação em Nietzsche se justifica exatamente na fuga da decadência ou, se assim se deseja, no distanciamento da fraqueza vivendo a forma mais autêntica de vida possível. Há diversas outras passagens em que o filósofo evidencia que a privação ou a limitação física são as condições para a resistência⁴ e, portanto, para a força. Seres fracos e ressentidos não são resistentes. O ressentimento para ele representa uma característica do sintoma de *décadence*⁵ e, de certo modo, a chaga contra a concepção de educação que coloca em relevo a autossuperação. A concepção de educação em Nietzsche, a partir de sua trajetória, significa a conquista de si. Buscar-se a si, neste sentido, reivindica a necessidade de busca de sua excelência. Buscar o que se tem de melhor como fundamento de uma concepção educacional que não diz respeito a

⁴ Resistência é um conceito importante na obra de Nietzsche e será trabalhado no último item, por ocasião da discussão do conceito de Vontade de Potência (*Der Wille zur Macht*).

⁵ Kaufmann considera que a melhor autocrítica feita ao estilo de Nietzsche pode ser encontrada na obra *O Caso Wagner*, na medida em que o grande problema desta obra é a *decadência* do estilo Wagner. Wagner não luta contra seu tempo e passa a ser, para seus contemporâneos, o monge dos decadentes, tanto que Nietzsche o considera “nossa maior miniatura” (KAUFMANN, 1974, p. 73). Por outro lado, a polêmica de Nietzsche contra Wagner, em escritos posteriores e notas, supera a decadência de Wagner, e essa razão é suficiente para que a consagrada obra de Jaspers sobre Nietzsche o eleja como “contraditório”, acreditando existirem antinomias fundamentais em seus escritos. Sempre encontraremos contradições nas inúmeras páginas escritas por Nietzsche, mas a questão central, expressa por Jaspers, está no exame cuidadoso que devemos empreender ao ler as obras do filósofo.

modelo a ser seguido ou mesmo a política orientada pelo poder público, mas, concepção que reivindica de seu protagonista a condição de devir, ou, em outros termos, a condição de reavaliação dos valores.

O ano de 1888 foi muito intenso na produção de Nietzsche, simultaneamente ao início da repercussão de sua obra na Dinamarca, por meio de conferências do judeu George Brandes. *Zarathustra* foi traduzido para o francês. O filósofo publicou *O Caso Wagner (Der Fall Wagner: Ein Musikanten-Problem)*, abandonou o projeto *Wille zur Macht* e planejou a *Tranvaloração de todos os valores*. Escreveu também *O crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com um martelo (Götzen-Dämmerung, oder Wie man mit dem Hammer philosophiert)*, publicado em 1889, *O Anticristo (Der Antichrist)*, publicado em 1895, e *Ecce homo – Como alguém se torna o que é (Ecce Homo – Wie man wird, was ist)*, autobiografia em quatro capítulos e prefácio que foi publicada somente em 1908. Ainda concluiu, em 1888, *Ditirambos de Dionísio (Dionysos-Dithyramben)*, com nove poemas e datas distintas, publicado em 1892. (HOLLINGDALE, 1999).

Em 03 de janeiro de 1889, Nietzsche sofreu um colapso e passou a escrever cartas e bilhetes insanos para amigos, assinando como “Dionísio” ou “o Crucificado”. Em 1894, Elizabeth fundou o Arquivo Nietzsche, em Namburg, e o transferiu para Weimar em 1896; por ocasião do falecimento de sua mãe, em 1897, levou Nietzsche para junto do arquivo. Nietzsche faleceu no dia 25 de agosto de 1900, vítima de infecção pulmonar, e foi enterrado em Röcken, sua cidade natal. Na cerimônia do sepultamento, o amigo Peter Gast disse: “Sagrado seja teu nome para todas as gerações vindouras” (NIETZSCHE, 1995, p. 15).

3 – Vontade de potência e além do homem como base da crítica de si

A concepção de educação em Nietzsche, intempestiva como temos defendido ao longo destas reflexões, pode ser sintetizada, de forma absolutamente contrária à filosofia de Nietzsche, dado que Nietzsche nunca sintetizou ou

propôs síntese de quaisquer questões, a partir de dois eixos fundamentais: vontade de potência (*Der Wille zur Macht*) e além do homem (*Übermensch*).

A vontade de potência (*Der Wille zur Macht*) diz respeito às forças que temos no homem e também no mundo orgânico, sejam estas forças internas ou externas. Não há, em Nietzsche, definições derradeiras na consideração da vontade de potência. Há contínua mudança entre a vida e a morte, entre a construção e a destruição, então a formação e a deformação, entre a constituição e a degenerescência. É nesta direção que a concepção educacional do filósofo não pode ser definida como modelo a ser seguido, mas que significa a base que constitui e orienta a vida do homem. Como concepção de educação, interessa muito a visão de mundo e de homem desta educação que, no caso de Nietzsche, o fundamento está no devir. Em última instância, é o homem do futuro, muito livre, como veremos na sequência, o protagonista desta concepção de educação.

O diagnóstico de Nietzsche, na Alemanha, aponta para a ausência de educadores aptos à revalorização de valores, logo, a decadência da educação, especialmente do ensino superior, é algo que incomoda o pensador alemão. Mesmo assim, sua concepção de educação não pode ser tomada como propositiva, não no sentido de modelo a ser implementado pelo poder público, mas, paradoxalmente, deve ser pensada no sentido da revalorização dos valores. A função da educação, tal como concebida na Alemanha do século XIX, criticada por Nietzsche, é favorecer ao rebanho. A este respeito, recomendo a leitura do artigo *Massificação humana e a educação aristocrática em Nietzsche*. (MENDONÇA, 2010).

O além do homem (*Übermensch*) é apresentado por Nietzsche por ocasião do anúncio do homem do futuro, muito livre. Este protagonista é, em última instância, o filósofo. É neste sentido que a concepção de educação aristocrática prioriza a conquista individual. Da mesma forma que a reflexão filosófica requer atenção, cuidado, estudo e muita disciplina, igualmente, a concepção de educação para o filósofo da vontade de potência, que pode ser assumida como da solidão, reivindica abertura ao conhecimento e, principalmente, busca de sua

excelência, busca daquilo que se tem de melhor no sentido de superar as adversidades da própria vida.

É, portanto, por meio da busca de si, da busca da superação do estado comum do homem que a educação deve se desenvolver. A educação aristocrática, concebida como educação individual, anuncia a exceção, visualiza o filósofo e, por mais que se pense a educação como crítica de si para todos, é preciso reconhecer o caráter de uma concepção de educação que se contrapõe ao populacho. A educação em Nietzsche é, por assim dizer, para todos e para ninguém; afinal, todos têm acesso, mas, poucos, pouquíssimos querem, efetivamente, viver a autocrítica e a autossuperação como condição para a existência.

Considerações finais

Considerando a defesa de uma educação intempestiva em Nietzsche, retomamos dois aspectos fundamentais desenvolvidos ao longo deste manuscrito. De um lado, a trajetória do filósofo apresenta dificuldades que servem como estímulo à produção intelectual. Na perspectiva da vontade de potência como devir, justamente a vida difícil, as doenças, não foram base de fracasso ou de fuga do sofrimento. Muito ao contrário, Nietzsche, por meio das adversidades escreveu o que escreveu, criticou a educação de sua época de forma direta e, acima de tudo, elaborou o que se considera o maior balanço da modernidade. De outro lado, para além das adversidades, é preciso considerar a dimensão individual como base da educação aristocrática. Esta concepção de educação não tem relação com educação para os ricos, por exemplo, mas, diz respeito à educação como busca da excelência. O tema da educação aristocrática como busca de si está presente em outros escritos, como já dissemos, e não houve pretensão de desenvolvê-lo aqui.

Portanto, pensar Nietzsche e a educação reivindica a análise da dimensão individual, dado que este pensador viveu além de seu tempo e, por esta razão, sua concepção de educação é, igualmente, intempestiva. Se é possível

empreender a autocrítica e a autossuperação como tarefa educacional, por certo, a vida passa a ter a prerrogativa do que Nietzsche se posiciona sobre o homem, isto é, a vida é, assim como o homem, vontade de potência e nada além disto.

Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. Vontade de crueldade nos escritos trágicos de Nietzsche. In *Filosofia Unisinos*. 9 (2). Mai/ago/2008.

_____. *Nietzsche e Freud*. São Paulo: Loyola, 2007.

BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*: São Paulo: Cultrix, 1991.

CRAGNOLINI, Mónica B. *Moradas Nietzscheanas. De sí mismo, del otro y del “entre”*. Buenos Aires: La Cebra, 2006.

HOLLINGDALE, R.J. *Nietzsche – the man and his philosophy*. New York: Cambridge, 1999.

JAEGER, Werner. *Paidéia. a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KAUFMANN, Walter. *Philosopher, psychologist, antichrist*. New Jersey: Princeton, 1974.

MENDONÇA, Samuel. Massificação humana e a educação aristocrática em Nietzsche. *ETD – Educação Temática Digital*. Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 17-26, nov. 2010. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2028>>. Acesso em: 12 de maio 2013.

_____. Pressupostos éticos da educação da solidão. *Filosofia e Educação (Online)*. *Revista Digital do Paideia*. Volume 3, Número 1, Abril de 2011 – Setembro de 2011, ISSN 1984-9605. Disponível em:

<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/2385/2527>.

Acesso em: 10 de maio de 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. *Will to Power*. Trad. Walter Kaufmann. New York: Vintage Books, 1968.